

CECÍLIA MEIRELES: A VIDA COMO OBRA DE ARTE¹

Silvio Valério Onofre dos SANTOS²

RESUMO

Estas pequenas linhas têm como motivação apresentar o que leva considerar Cecília Meireles, como artista trágica. Para isto, utilizamos dois princípios nietzschianos, em especial, o próprio ideário de artista trágico e o conceito de “amor fati”. Percebe-se que esses fundamentos teóricos do autor estão em relação um com o outro e da voz ao nosso artigo. Considerando-se que o artista trágico não é um pessimista aquele que nega a vida, ao contrário, é aquele que diz sim a tudo que é problemático na vida, uma afirmação da existência, dos sonhos, dos medos, angústias, alegria e tristezas. O artista trágico é aquele que faz da vida uma obra de arte. Enfim, é no tocante dessa aproximação que cabe ao nosso estudo traçar linhas.

Palavras-chave: vida, amor fati, artista trágico, Zaratustra, Dionísio, Cecília Meireles.

O presente artigo consiste em interpretar Cecília Meireles como artista trágica. Para tanto, inicialmente esclareceremos qual é o conteúdo do pensamento trágico em nossa análise, o que entendemos por tragédia, ou seja, em qual base se fundamenta o desenvolvimento deste estudo. Para depois remeter a poetisa ao ideal de artista trágico formulado por Nietzsche.

Sendo assim, o nosso interlocutor mais próximo para a realização de nosso estudo literário é o filósofo Nietzsche, que entende a arte como a chave do mundo, onde o pensador consegue mergulhar os seus olhos no coração do mundo, abrir as portas enigmáticas do ser, do conhecimento e ao mesmo tempo afirmar a existência e alegrar a vida como ele mesmo menciona:

¹ Este trabalho está se iniciando e tem como objetivo pleitear uma bolsa Fapesp, está sendo analisado e discutido com alguns professores, em especial, conto principalmente com ajuda do professor José Carlos Bruni da filosofia.

² Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp, Campus de Marília.

A arte nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida [...]. A arte como redenção do que sofre – como via de acesso a estados onde o sofrimento é querido, transfigurado, divinizado, onde o sofrimento é uma forma de grande delícia (NIETZSCHE, 1974, p.36).

Foi Nietzsche, o amante da vida que nos apresentou a idéia de “amor fati”. Essa idéia ou conceito nietzschiano se caracteriza como uma afirmação máxima da existência, um dizer sim alegre, confiante e com amor à vida. Uma idéia que vai além de uma mera resignação, passa por Dioniso e Zaratustra, abrange o ideal de artista trágico e se expressa nas poesias cecilianas de forma viva e concreta como mostraremos no decorrer do artigo.

Nietzsche localiza o fenômeno dionisíaco presente no sentimento coletivo do povo grego; ele compreendeu e formulou tal acontecimento como um instinto de vida, um espírito livre assim como Zaratustra³ “Só as almas espirituais, dando por acento que sejam mais valorosas, é dada a viver as maiores tragédias, por isto, estimam a vida” (NIETZSCHE, 1984, p.73). Desse modo, Dionísio é essa alma valorosa, é o Deus espelhado para várias figuras gregas heróicas, enfim, é aquele que afirma as coisas mais problemáticas na vida, o que transmuta dores em alegria, o que vive o “amor fati” como menciona o autor:

Um espírito emancipado aparece no centro do Universo, com um fatalismo feliz e confiante, com a convicção de que não há nada condenável além daquilo que existe isoladamente e que, no conjunto, tudo resolve e se afirma. Não nega. Essa fé é a mais elevada de todas as fés possíveis. Eu a batizei com o nome de Dionísio (NIETZSCHE, 1984, p.110).

Esse espírito emancipado que se apresenta em Dionísio e Zaratustra reflete na concepção de arte de Nietzsche, caracterizando-se no ideal de artista trágico. Sendo que, o artista trágico assemelha a Dionísio, assim como o Deus, é um criador de novos valores, o que vive e sente plenamente o horror da existência, o que supera todos os tipos de

³ Formulado por Nietzsche, Zaratustra é uma espécie de dançarino, músico, profeta, enfim, artista que está acima das verdades tradicionais, uma alma valorosa que é antes de tudo um criador de valores e, como criador, também é um destruidor de valores antigos. Zaratustra é uma espécie de homem heróico que está além do bem e do mal, o que vive em profundidade, o que vem dizer aos homens para ser donos de si mesmo e dizer um sim à vida.

fatalidades. É o homem heróico que não se rende diante da vida, como os românticos e os pessimistas, mas ao contrário, diz um sim à vida alegre e confiante, como afirma Nietzsche (1984, p.79):

O valor e a liberdade do sentimento ante um inimigo poderoso, ante um revés sublime, ante um problema que espanta, é o estado triunfante que elege e glorifica o artista trágico. Diante do trágico, o conselho de guerra de nossa alma celebra suas saturnais; aquele que está habituado a dor e a sua busca. O homem heróico, celebra a tua existência na tragédia, e o artista trágico oferece essa taça na crueldade, a mais doce de todas.

Na interpretação nietzschiana o ideal de liberdade que representa o artista trágico caracteriza-se o homem heróico, o indivíduo que transmuta todo o asco da existência em leveza, o artista que não julga a vida, o que acha que a vida deve ser vivida, amada exatamente como ela é, sendo que, para amar a vida há que amar a si próprio. “Quem quiser, porém, torna-se leve e semelhante a um pássaro, tem de amar-se a si próprio; é isto que eu ensino” (NIETZSCHE, 1998, p.224).

Assim sendo, este amor presente no artista trágico se caracteriza no conceito de “amor fati” expressando a convicção do homem dionisíaco, ou seja, a ética do poeta diáfano, livre e leve como pluma aquele que vive profundidade, desse modo, a vida para o trágico não pode ser condenada, não pode ser culpada e isto, implica em viver sem ressentimentos, pois a vida tem um valor por si mesma, é um dom que possui o artista de se comunicar com os demais e se transformar constantemente, como afirma Nietzsche (1984, p.69):

O homem dionisíaco é incapaz de deixar de compreender uma sugestão qualquer, não deixa escapar vestígio algum de emoção, possui no mais alto grau o instinto de compreensão e da adivinhação, como possui no mais alto grau a arte de comunicar-se com os demais. Sabe revestir todos as formas e todas as emoções: transforma-se continuamente.

A transmutação nietzschiana presente no ideal de liberdade artista trágico, não é um desembaraço do problemático, nem de uma paixão perigosa, do medo, da piedade, da culpa, pelo contrário, ela é antes de tudo uma realização do querer, do saber, um ato de criação onde faz da vida uma realização, enfim, é uma “eterna alegria que leva em si o jubilo do aniquilamento” (NIETZSCHE, 1984, p.111), onde o sofrimento entra em uma fase

de decomposição e a vida torna o valor a ser desejado acima de tudo, torna-se o “amor fati” e “o homem não é mais artista tornou-se obra arte” (NIETZSCHE, 1992, p.31). Como fez Dionísio porque não o próprio Nietzsche e Cecília.

Após as considerações a respeito do “amor fati” e de artista trágico conforme os princípios nietzschianos, cabe nesse momento de nosso trabalho, remeter a poetisa Cecília Meireles, ao ideal de liberdade perseguido pelo filósofo Nietzsche. Imaginamos, que classificar a poetisa como trágica só é possível pela a originalidade do Eu ceciliano, que está constantemente posto em seus poemas, sendo que, ao evocar o eu lírico a poetisa constrói imagens, revela sentimentos e fragmentos da vida como observamos na poesia abaixo:

Até quando terás, minha alma, essa doçura,
Este dom de sofrer, este poder de amar,
A força de estar sempre- insegura- segura
Como a flecha que segue a trajetória obscura,
Fiel em seu movimento, exata em seu lugar...?(MEIRELES, 1994, p.171).

Desse modo, para entender a tragédia de nosso trabalho, as indagações, inquietações e questionamentos que nasce no meio de tantas incertezas remetemos Cecília Meireles, como um artista trágico, Cecília a trágica, aquela que teve uma vida dionisíaca, uma obra vasta como expressão da vida, a que encarnou o próprio Dionísio em seu consciente ou inconsciente; O que importa! Mas assumiu sua vida doida apenas para poder existir, para buscar o homem em sua profundidade como ela mesma diz:

Porque chego despojado
e humilho-me de ter vindo
como estrangeiro;
de ser apenas um vulto
que tudo que sabe é da alma,
o resto, alheio. (MEIRELES., 1987, p.397).

E acrescenta:

É triste ver-se o homem por dentro:
tudo arrumado, cerrado, dobrado
como objetos num armário.
A alma, não.
(...)

Pela alma choramos.
Procuramos a alma.
Queríamos alma. (MEIRELES., 1994, p.180).

Cecília, órfã muito cedo criada pela avó materna D. Jacinta Garcia Benevides, desde de nova foi se adaptando com a perda de pessoas queridas, uma das últimas perdas após a avó materna foi a do amor que se suicidou, um artista plástico com quem Cecília se casou e teve três filhas, três Marias (Maria Elvira, Maria Maltide, Maria Fernanda). Para Cecília a morte de seu marido também foi assassinato, também morreu! Comenta Cecília sobre essa atrocidade:

Há muitas mortes por destras dessa morte. E não foi apenas um suicídio: foi também um assassinato. Posso eu viver muito tempo; pode minha existência tomar os mais inesperados rumos – mas essa noção da inutilidade humana; esta indiferença pela esperança, este desapego da lógica farão de mim cada vez mais uma criatura sem raízes na terra, prescindindo de tudo e a mercê dos casos que queiram transportar (MEIRELES apud O LIRISMO..., 2001, p.50).

Para pode viver, Cecília teve que fazer como os gregos, inventar os seus deuses em obra de arte, sendo que os deuses gregos levavam uma vida conflituosa, com intrigas, paixões e fatalidades, assim como os próprios homens, e isto, estão explícitos constantemente na tragédia grega, o que fez Nietzsche dizer que expressava a vida daquela comunidade. Do mesmo modo, a poetisa achava que a vida “só é possível reinventada” (MEIRELES, 1987, p.195). O que implica em dar sentido à vida através da realização artística, em constituir um criar alegre e original que sai de si mesmo, da sua vontade, do seu querer e dos seus sentimentos como ela mesma menciona:

[...] Preparei um verso
Com a melhor medida:
Rosto do universo,
boca da minha vida.(MEIRELES, 1987, p.109)

Os versos da poetisa desnuda o seu ser e nos mostra uma vida permeada por fatalidades, uma acumulação de perda de pessoas estimadas, acasos de tragédias e, como também, ao mesmo tempo, uma forma peculiar de dizer sim a vida, de amar a vida, de afirmar os sofrimentos mais árduos como a morte de pessoas queridas pai, mãe, irmãos e o

amor que se suicidou, sendo que, essa forma de dizer sim se assemelha à idéia de “amor fati” de Nietzsche, onde o homem não se rende, perde o ânimo, fica abatido, padece, enfim, sucumbir diante da vida, mas, pelo contrário, afirma a tragédia como parte da vida e a reconstrói em palavras como a artista nos mostra:

[...] Os dias que vêm são feitos de vento plácido e apagam tudo.
Dispersam a sombra dos gestos sobre os cenários.
Levam dos lábios cada palavra que desponta.
Gastam o contorna da minha síntese.
Acumulam ausência em minha vida...

Oh! Um pouco de neve matando docemente, folha a folha...

Mas a seiva lá dentro continua, sufocada,
nutrindo de sonho a morte (MEIRELES, 1987, p.88).

Desse modo, que Cecília Meireles passa por nós “nutrindo de sonho a morte,” (MEIRELES, 1987, p.88) transvalorizando o susto, o horror, o asco da existência em melodias, a tragédia individual em palavras, revelando o pleno entre a dor e a alegria, afirmando a vida em todos os planos possíveis e impossíveis, dizendo um sim acima de tudo como faz na poesia carta: “*Ah! Eu, sim – porque chorei tudo, e despi meu corpo usado e triste, e as minhas lágrimas o lavaram, e o silêncio da noite o enxugo*” (MEIRELES, 1987, p.262).

A poetisa através da sua arte desmistifica a tragédia de sua vida com incrível profundidade “só nas trevas fico: recebida e dada” (MEIRELES, 1987, p.116). Diante da fatalidade a vida e a morte são recriadas através das suas poesias. A artista expõe um novo conteúdo como vontade do ser à necessidade trágica da arte, assim, exprime um fatalismo alegre e confiante semelhante a Dionísio, com o sentido de que nada há de condenável na vida. A arte como a estrela que é senhora da morte:

A estrela que nasceu tinha tanta beleza
que voluntariamente a elegeu minha sorte.
Mas a beleza é outro perfil do sofrimento,
E só merece a vida o que é senhora da morte. (MEIRELES, 1987, p. 226).

Cecília Meireles, na forma viva e completa de sua linguagem poética colocou a questão da tragédia em sua obra. Neste sentido, as fatalidades vividas são constantemente

mencionadas e reconstruídas em seus versos, de modo que revela um esquecimento, um aniquilamento do horror, do susto, da angústia da existência como realização da potência humana. As poesias cecilianas reencontram a serenidade afirmando a vida, reinventando a vida em palavras, versos e com amor acima de tudo:

[...] Minha canção vai comigo.
Vai doce.
Tão sereno é teu compasso
que penso em ti meu amigo.
- Se fosse,
em vez de canção, teu braço!

Ah! Mas logo ali adiante
- tão perto!-
acaba-se a terra bela.
Para este pequeno instante,
decerto,
é melhor ir só com ela

(isto são coisas que digo,
que invento,
para achar a vida boa...
A canção que vai comigo
é a forma de esquecimento
do sonho sonhado à toa...) (MEIRELES, 1987, p. 157).

Assim como Nietzsche apresenta Zarathustra, saturado em sua caverna com tanta luz, enfasiado em tanta sapiência, pronto para declinar ao mundo dos homens, para ensiná-los a arte de ser donos de si mesmo, de quebrar estátuas, ídolos e construir valores novos. “Mudanças de valores [...] isso é mudança dos criadores. Quem tenha ser criador sempre destrói” (NIETZSCHE, 1998, p.68). Do mesmo modo, Cecília Meireles vai bradar aos homens para serem donos de si mesmo:

Renova-te.
Renasci em ti mesmo.
Multiplica os teus olhos, para verem mais
multiplica os teus braços para semearem tudo.
Destrói os olhos que tiverem visto.
Criar outros, para visões novas.
Destrói o braço que tiverem semeado,
para se esquecerem de colher.
Sê sempre o mesmo
sempre outro.
Mas sempre alto.

Sempre longe.
E dentro de tudo (MEIRELES, 1974).

Entretanto, a afirmação da vida até em seus problemas mais árduos tanto em Nietzsche como em Cecília, deve ser tratado com reservas, um dizer sim a tudo indiscriminadamente é próprio dos burros ou dos porcos: “Mastigar e digeri tudo – isso é autêntico comportamento de suínos! Dizer sempre que sim - isso só o burro aprendeu, ou quem for de sua qualidade” (NIETZSCHE, 1998, p.226), sendo que a afirmação da vida implica na realização das paixões, da obra, do sonho e da liberdade. Então, uma renúncia, um dizer não, um não querer às vezes é necessário quando se trata de dizer sim à vida, como menciona a própria Cecília.

Se o que renuncia
altamente:
Sem tristeza de tua renúncia!
Sem orgulho de tua renúncia!
Abre a tua alma nas tuas mãos.
E abre a tuas mãos sobre o infinito.
E não deixe ficar de ti,
nem este último gesto! (MEIRELES, 1974).

A arte de superação cecilianiana do horror, do asco, de uma existência permeada por fatalidades não se resume a uma mera aceitação, uma resignação passiva. Ela implica em não querer nada de outra forma, em uma apropriação estética e positiva do mundo através da arte, implica em se entregar com toda vontade à vida, amar a vida. “Tu queres, tu desejas, tu amas, e é só por isto louvas a vida!” (NIETZSCHE, 1998, p.124). Um amor que distancia do ideal romântico e se caracteriza de maneira que o artista pode reter o mundo e se eternizar de forma efetiva e participante:

[...] Podia morrer de pena.
E comecei a cantar-te.
Amor é arte.
Mas a vida é tão pequena,
bela sobre toda a flor!
-tão pequena para amar-te [...]
E em toda a parte
causa espanto o meu amor [...] (MEIRELES, 1987, p.372).

E acrescenta:

Não amas como os homens amam.
Não amas com amor.
Amas sem amor.
Ama sem querer.
Ama sem sentir.
Ama como se fosses outro.
Como se fosses amar
sem esperar.
Tão separado do que ama, em ti,
que não te inquiete
se o amor leva a felicidade,
se leva a morte,
se leva a algum destino.
Se te leva
e se vai, ele mesmo[...] (MEIRELES, 1974).

A essa forma de amar a vida Cecília Meireles identifica com o ideal de liberdade perseguido por Nietzsche de artista trágico e dá voz a nosso artigo. Ideal este caracteriza antes de tudo pela realização de nossa vontade, dos nossos desejos, dos nossos sonhos, enfim, a realização de nossas paixões, e isto, está ao alcance daqueles que não temem o aniquilamento, que sentem a vida como sentem a morte, dos que vivem as experiências trágicas na vida com amor:

Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora (muito de outrora!...) não acreditavam que se pudesse chegar tão simplesmente com um fio de linha e um pouco de vento!...
Acontece, porém, que um menino, para empinar papagaio, esqueceu-se da fatalidade dos fios e perdeu a vida.
São essas coisas tristes que contornam sombriamente aquele sentimento luminoso de liberdade. Para alcançá-la estamos todos os dias expostos a morte. E os tímidos preferem ficar onde estão, preferem mesmo prender suas correntes e não pensar em assunto tão ingrato. (MEIRELES, 1974, p.11).

Portanto, Cecília sempre teve a vida permeada por uma trágica constante conhecida como morte, e isto, de fato se torna relevante em nosso estudo, pois proporcionou a artista uma ausência deste mundo ordenado e previsível, repercutiu profundamente no espírito de suas poesias, em todo o seu criar artístico e acima de tudo

nos dá chave para penetrar em seus poemas, a oportunidade para remeter a poetisa ao ideal nietzschiano de artista trágico. Ela se refere ao fato em entrevista:

Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para os outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência. Em toda a vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é fundamento mesmo da minha personalidade. Creio que isso explica tudo quanto tenho feito, em literatura, jornalismo, Educação e mesmo folclore. Acordar a criatura humana dessa espécie de sonambulismo em que tantos se deixam arrastar. Mostrar-lhes a vida em profundidade. Sem pretensão filosófica ou de salvação - mas por uma participação poética afetuosa e participante (MEIRELES, 1987, p.58).

Assim, afirmamos Cecília Meireles como artista trágica conforme mostra a poesia abaixo:

O que é preciso é entender a solidão!
O que é preciso é aceitar, mesmo, a onda amarga
que leva os mortos.

O que é preciso é esperar pela estrela
que ainda não está completa.

O que é preciso é que os olhos sejam cristal sem névoa,
e os lábios de ouro puro.

O que é preciso é que a alma vá e venha;
e ouça a notícia do tempo,
e, entre os assombros da vida e da morte,
estenda suas diáfanas asas,
isenta por igual,
de desejo e de desespero. (MEIRELES, 1994, p.170).

Enfim, encontramos o ponto onde os artistas se encontram, em especial Cecília Meireles e Nietzsche, desse modo, afirmamos a poetisa como trágica e reconhecemos que nosso estudo é original no que se refere às abordagens feitas sobre Cecília Meireles, e, como também, que se escolha de estilo literário um tanto eufórico foi necessário para expressar nossos interesses, isto se deve apenas por fidelidade aos autores que pretendemos trazer ao debate acadêmico em nosso trágico trabalho, desse modo, o nosso estilo literário

ou nossa linguagem não é algo ingênuo, também possui uma certa importância para o estudo que propomos traçar linhas, para o aprofundamento e desenvolvimento da perspectiva que nos cabe a defender que é Cecília Meireles como artista trágico.

REFERÊNCIAS:

O LIRISMO absoluto de Cecília Meireles CULT. *Revista Brasileira de Literatura*, n.51, 2001.

MEIRELES, C. *Cânticos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974.

_____. *Escolha os seus sonhos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

_____. *Os melhores poemas de Cecília Meireles*. 6.ed. São Paulo: Global, 1994. (Seleção Maria Fernanda).

_____. *Obra poética ou obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.

_____. *O que se diz e o que se entende*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Relógio D'Água, 1998.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia dos golpes de martelo*. São Paulo: Hermus, 1984.

_____. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Obras incompletas*. São Paulo: Victor Civita, 1974. (Os Pensadores).

ARTIGO RECEBIDO EM 2003.